

# SONDANDO UM ARQUIVO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SANTA CRUZ DO SUL/BRASIL

Joice Nunes de Souza<sup>1</sup>  
Diego Orgel Dal Bosco Almeida<sup>2</sup>  
Éder da Silva Silveira<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como propósito central apontar algumas potencialidades de investigação no campo de estudos da História da Educação a partir de um levantamento de fontes documentais do arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, instituição localizada no município de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Além de apontar algumas potencialidades de investigação deste arquivo escolar, apresentam-se as reflexões sobre o percurso trilhado até o momento, que incluiu desde o contato com a direção/funcionários/as da escola até a visita ao referido arquivo. O percurso de averiguação, levantamento e prospecção foi denominado de sondagem. Sondando, refletiu-se sobre o papel das fontes documentais oriundas de arquivos escolares, as relações entre história e memória, bem como a preservação e salvaguarda de documentos, pontos centrais para a produção de conhecimento histórico-educacional.

**Palavras-chave:** Arquivo Escolar; História; Memória.

## Probing a school archive: reflections on memory, history and sources for the history of Education in Santa Cruz do Sul/Brazil

**Abstract:** The main purpose of this article is to point out some research potentialities in the field of History of Education studies from a survey of documentary sources from the archive of the Ernesto Alves de Oliveira State High School, an institution located in the Santa Cruz do Sul city in the state of Rio Grande do Sul/Brazil. In addition to pointing out some research potentialities of this school archive, it presents the employees to the visit to that archive. The route of investigation, survey and prospecting was called probe. Probing, reflected on the role of documentary sources from school archives, the relationship between history and memory, as well as the preservation and safeguarding of documents, central points for the production of historical-educational knowledge.

**Keywords:** School Archive; History; Memory.

---

<sup>1</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul ([joice15souza@gmail.com](mailto:joice15souza@gmail.com))

<sup>2</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul ([diegoal@unisc.br](mailto:diegoal@unisc.br))

<sup>3</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul ([eders@unisc.br](mailto:eders@unisc.br))

## INTRODUÇÃO

Em recente entrevista, publicada na revista *Reflexão e Ação* (PPGEdu/UNISC), Maria Helena Câmara Bastos, reconhecida pesquisadora de História da Educação, reflete sobre as relações entre a história e a educação. Ainda que com origens teóricas distintas, são duas áreas que se complementam, diz ela. Citando Cambi (1999, p. 29), Bastos coloca que a História da Educação se configura enquanto um “repositório de muitas histórias, como um território de investigação histórica” lugar de onde a história, como disciplina, compreende a relevância que tem a educação como objeto de estudo privilegiado para a compreensão da formação cultural das sociedades. Parafrazeando António Nóvoa (2005), ela entende que a História da Educação precisa dialogar com as questões que interpelam o presente, postulando, assim, a reconstrução contínua dos “vários passados” (BASTOS; BILHÃO; SILVEIRA 2019, p. 254). Mesmo estando a par dos avanços das pesquisas em História da Educação, a professora reconhece as dificuldades da afirmação desses estudos no Brasil. Inspirando-se nas considerações de Compère (1995, p. 58), Bastos aponta uma imprescindibilidade: que se construam “inventários de fontes local, regional e nacional, visando a salvaguarda e preservação de uma memória da educação brasileira” (BASTOS; BILHÃO; SILVEIRA, 2019, p. 256). Os avanços propiciados no campo de estudos da História da Educação, referentes às metodologias e teorias empregadas para as pesquisas, têm exigido não só um diálogo interdisciplinar, como também a utilização de, cada vez mais, novas fontes de pesquisa, aumentando significativamente as possibilidades para novos estudos. Ao mesmo tempo, a permanência da precariedade e do descaso do poder público e das instituições na guarda e na preservação desses documentos tem se mostrado, ainda, um desafio a ser enfrentado.

Busca-se, neste artigo, apresentar os primeiros resultados da realização de uma investigação acerca de um arquivo escolar, ou seja, oferecer um quadro preliminar de potencialidades de investigação do arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, localizada no município de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. A sondagem, neste caso, serve para apontar possibilidades de pesquisa no arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, compreendendo os desafios a serem enfrentados para que os documentos do arquivo possam ser utilizados como fonte privilegiada para a pesquisa no campo de estudos da História da Educação. A escolha do termo para denominar o percurso até aqui trilhado, sondagem, remete à ideia de um caminho que esteve/está em construção configurando-se

enquanto seu percurso inicial como um levantamento, uma averiguação, uma prospeção.

Para além da salvaguarda desses documentos, cuja importância é sempre urgente de se situar, elaborou-se um quadro das potencialidades do arquivo da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira para a História da Educação. As potencialidades de pesquisa no arquivo escolar desta instituição foram pensadas a partir da catalogação inicial de parte dos documentos encontrados. Uma vez descritas as potencialidades iniciais de pesquisa no arquivo, buscou-se contextualizá-las junto a pressupostos da História da Educação, a partir da relação entre os conceitos de “cultura escolar” e “arquivo escolar”.

Apresenta-se, na primeira parte do texto, o percurso da investigação trilhado até o momento da escrita deste artigo, procurando evidenciar as escolhas que foram realizadas e as opções teórico-metodológicas suscitadas; as potencialidades de pesquisa no referido arquivo são apresentadas na segunda parte, levando em consideração as visitas realizadas ao local ao longo do ano de 2019.

A necessidade, apontada na entrevista concedida por Bastos, de que se pesquisem e se divulguem as fontes de pesquisa no campo de estudos da História da Educação inspirou, em boa parte, a escrita das páginas seguintes. Sobre a Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, em Santa Cruz do Sul, sua trajetória e as potencialidades de seu arquivo escolar, constatamos a ausência de pesquisas em andamento ou já publicadas, tampouco sobre qualquer outro arquivo escolar desse município<sup>4</sup>. É importante chamar atenção para a salvaguarda desses documentos e para a criação de condições adequadas de

---

<sup>4</sup> A Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira localiza-se atualmente no município de Santa Cruz do Sul no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Sua fundação data de 1956, embora suas atividades tenham iniciado em 1957, depois da realização dos primeiros exames admissionais de estudantes para o “ginásio”. Na época, a instituição chamava-se Ginásio Estadual de Santa Cruz do Sul. Foi o primeiro “Ginásio Público” do município, atendendo estudantes não só de Santa Cruz, mas de outras localidades da região do Vale do Rio Pardo a cerca de 150 quilômetros da capital, Porto Alegre. Informações consultadas em: MÜLLER, Ivo José. **1965-2006, 50 anos, Pequeno Histórico da fundação e do crescimento do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira: Seu Ontem, Seu Hoje, Seu Amanhã**. Santa Cruz do Sul: [sem editoração], 2006. Adiante, neste mesmo artigo, algumas reflexões sobre os cuidados metodológicos com essa tipologia de fonte de pesquisa.

armazenamento a fim de que se tornem fontes de pesquisa para a História da Educação no estado do Rio Grande do Sul e na região do Vale do Rio Pardo.

## **ESCOLA ESTADUAL ERNESTO ALVES DE OLIVEIRA, MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA(S): O PRIMEIRO MOMENTO DO PERCURSO DE SONDAAGEM**

A sondagem acerca das potencialidades de pesquisa no arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves teve dois momentos. O primeiro momento caracterizou-se por ser um período de conversas com a coordenação, secretaria e direção escolar acerca da história da instituição. Ao expor, inicialmente, as intenções dessa pesquisa - naquele momento não focalizada no arquivo escolar, mas na história da escola - as secretárias da escola, como resposta, apresentaram a existência de um texto, escrito por um ex-diretor da instituição, que “daria conta” das informações solicitadas. Ao que parece, a obra, de autoria de Ivo José Müller, intitulada *1965-2006, 50 anos, Pequeno Histórico da fundação e do crescimento do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira: Seu Ontem, Seu Hoje, Seu Amanhã*, surgida no ano de 2006, é compreendida pelos/as funcionários/as como referência da história/trajetória da Escola Estadual Ernesto Alves. Antes de apontar as potencialidades de pesquisa do arquivo escolar, cabe, então, estabelecer alguns pontos de reflexão sobre a referida “obra” tendo em vista que esse “achado” fez parte do percurso de investigação e sondagem do arquivo.

É um desafio escrever sobre a trajetória da Escola Ernesto Alves de Oliveira, dado que não existem, no campo histórico-educacional, investigações específicas sobre essa instituição. O/a pesquisador/a do campo da História da Educação que desejar traçar um perfil histórico desta escola, do surgimento e da trajetória, precisará lançar mão de uma “obra”/texto compreendida como de caráter *memorialístico*. Os textos memorialísticos possuem algumas especificidades. Ao mesmo tempo que podem trazer dados objetivos sobre fundação e trajetória de uma determinada instituição, como datas, lista de diretores, professores e estudantes, também acabam por fazer um trabalho de memória institucional onde, não raras vezes, o/a autor/a do texto também procura se inserir. Essa característica, comum a essa tipologia de texto, guarda alguns cuidados metodológicos.

Consideramos como cuidados metodológicos principais a serem vistos em relação à referida obra de Ivo José Müller sobre a “história” da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira: a) refletir, do ponto de vista teórico-metodológico, acerca do suporte de leitura, de sua conformação/formato física/o (CHARTIER, 1999; COUTINHO, GONÇALVES, 2009); b) discussão sobre as diferenças/complementaridades entre história e memória (STEPHANOU, BASTOS, 2011); c) identificação desta tipologia de fonte no campo da História da Educação (VIÑAO, 2004).

De autoria de Ivo José Müller, a obra *1965-2006, 50 anos, Pequeno Histórico da fundação e do crescimento do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira: Seu Ontem, Seu Hoje, Seu Amanhã* surgiu no ano de 2006. Com 82 páginas, dividida em 33 pequenos capítulos e com algumas fotografias, trata-se de um texto que, apesar de não ter passado por editoração, mereceu alguns cuidados especiais. O texto, todo redigido no computador, foi impresso para se parecer com um livro. Possui capa dura e não apresenta nenhum sinal de deterioração. É relevante salientar que, mesmo não tendo sido publicado por uma editora, ganhou capa semelhante à de um livro, com inscrições em dourado, título e nome do autor na lombada. Embora atualmente “guardado” em um armário da sala da direção da escola, a etiqueta na sua borda indica que já esteve disponível para uso na biblioteca da instituição. Pode-se inferir, assim, considerando as características do suporte utilizado, que a opção de torná-lo semelhante a um livro, que passou por edição, e colocá-lo junto aos outros na biblioteca da escola, busca produzir um efeito de sentido. Se, como afirma Roger Chartier (1999), os suportes podem gerar mudanças nas formas de leitura, ao fazer do texto escrito por Ivo José Müller um “livro”, seria possível afirmar que o objetivo foi o de torná-lo “oficial”, conformando-o como uma “história oficial” da instituição. Pode-se compreender que a forma material do texto é também um texto. Por “formato material” entende-se os próprios formatos da escrita, as matérias-primas utilizadas na fabricação do suporte, ou seja: “todos os aspectos ligados à composição do texto, (tais como tipos utilizados, diagramação, [...] sistemas de referência com os índices e sumários), existência de dados relativos à obra [...], tamanho e forma de manuseio [...] etc.” (GONÇALVES; COUTINHO, 2009, p. 89). O formato físico do texto, portanto, interfere no modo como os/as leitores/as se apropriam dele. No percurso desta pesquisa, é relevante salientar que, ao indagar coordenação/direção e secretários/as sobre a história da escola, a primeira indicação recebida foi a do “livro” de autoria de Ivo José Müller e não a disponibilização dos documentos do seu arquivo escolar.

Diferentemente da história, a memória não tem compromisso com a crítica, não possui necessariamente pretensão cognitiva, não interroga sobre os processos e sobre os contextos. Não questiona sobre os “processos de transformação marinha que sucedem o tempo e se expressam nas produções discursivas e nos regimes de verdade do presente” (STEPHANOU; BASTOS, 2011, p. 420). A memória, no entanto, guarda relação com aquele que narra. O/a autor/a de um relato, de uma narrativa de memória, pode ou não ser o personagem principal, mas, via de regra, suas aspirações e intenções tomam um espaço significativo da narrativa. As narrativas de memória, portanto, tanto dizem sobre quem narra, quanto falam também sobre o coletivo que as gerou, sobre as instituições, sobre os possíveis contextos nos quais se inserem (SILVEIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 165). São, portanto, consideradas fontes importantes nas investigações desenvolvidas no campo da História da Educação. Sua relevância se dá, primeiro, do ponto de vista empírico, já que trazem dados sobre as instituições escolares que podem ainda não terem sido compilados por historiadores/as; segundo, do ponto de vista metodológico, porque essa tipologia de escrita deve ser problematizada tendo como foco também a própria narrativa e seu/sua autor/a, aquele/a que narra, o que narra e por que narra. É também o que configura as possibilidades de análise dos escritos de Ivo José Müller acerca da “história” da Escola Ernesto Alves de Oliveira.

Ao buscar tornar sua narrativa “oficial”, seu autor também não deixou de buscar inserir-se na “história”. Uma das características principais observadas em seu texto é o registro recorrente do autor como um dos personagens da narrativa. Já no início do texto, denominado por Müller como “prólogo”, aparece, em diversas passagens, que o seu desejo de escrever a “história” da escola, da qual se considera como um dos “fundadores”, onde lecionou e foi diretor, já vinha de muito tempo e que seu intuito visava contribuir para o “conhecimento das futuras gerações”. Se as narrativas não são apenas construções individuais, como informa Halbwachs (2006, p. 30) tendo em vista que as lembranças “permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”, as recordações também são compreendidas como a elaboração de um projeto pessoal de vida, ou seja, enquanto uma estratégia para construir uma identidade (ABRAHÃO, BOLÍVAR, 2014, p. 10). Assim, ao se inserir na narrativa que “conta” a história da escola Ernesto Alves de Oliveira, seu autor busca também uma elaboração que, de certa forma, coincida com a sua trajetória pessoal. O texto, organizado em ordem cronológica, assemelha-se a uma narrativa dos “grandes feitos”, cumulativa, finalista, fatores que, afinal, atribuem sentidos

fundamentais ao texto. Ao se colocar na narrativa, é preciso considerar também que Müller deseja ser visto enquanto um agente da trajetória da escola. Ivo José Müller foi diretor da instituição entre 1957-1959 e, posteriormente, entre 1963-1982.

Tendo em vista o tempo em que permaneceu na direção da instituição, sua “obra” conformaria, afinal, uma memória institucional ou um testemunho de sua atividade profissional? Traçar os limites entre as memórias institucionais e as que podem ser consideradas de índole pessoal nem sempre é fácil. Ao contrário, é difícil qualificar esses textos. A “obra” de Ivo José Müller trata-se de um relato de memória institucional, mas que se configura, também, enquanto um testemunho de sua atividade profissional, ou seja, “conta” tanto sobre a trajetória da instituição, ao mesmo tempo em que também “conta” da vida de seu personagem principal, seu autor. Sobre isso:

[...] qualquer que seja o critério de classificação ou distinção empregado, sempre surgem textos que se movem em terra de ninguém ou em mais de um espaço textual. A realidade transborda, por sua complexidade, toda tentativa de classificação exaustiva e fechada (VIÑAO, 2004, p. 340)

A classificação não deve se estabelecer de modo fechado, válido para qualquer época ou lugar, isto é: “as possibilidades dependem não só do tipo de texto, mas também do texto em questão e dos objetivos da investigação” pois, “cada texto ou escrito deverá ser objeto de uma análise cuidadosa sobre sua produção, forma textual e conteúdo em função do que se pretenda [investigar] em cada caso” (VIÑAO, 2004, p. 354). Desse modo, sem deixar de reconhecer a importância da obra memorialística do ex-diretor da escola, ampliamos o cuidado metodológico com essa fonte.

Tendo por base as proposições de Viñao (2004, p. 352-354) entendemos que a “obra” de Ivo José Müller está mais próxima de dois tipos específicos de texto. Poderia ser “lida” pelo/a pesquisador/a de duas formas, portanto. Pode ser tida como um “escrito sobre questões educativas nos quais o elemento autobiográfico desempenha um papel relevante”, já que Müller relata alguns dos aspectos pedagógicos que orientavam as ações dos/as docentes; quanto poderia ser incluído no conjunto de “textos, de caráter pessoal, relativos à gestão de instituições docentes”. Pode-se afirmar que Ivo José Müller escreve predominantemente sobre o período em que esteve na direção da escola Ernesto Alves de Oliveira, entre 1957-1959 e 1963-1982. Seu texto tem caráter pessoal

relativo à gestão desta instituição, ainda que não se restrinja somente a esse período, justamente por se caracterizar como uma memória institucional. Sobre isso, Viñao (2004, p. 352) coloca que essa classificação não incluiria as “memórias institucionais”, embora haja ocasiões em que “o texto em questão não se reveste de um caráter institucional, mas pessoal”. Nessa perspectiva, “[...] o texto se converte, de fato, em um livro de evocações ou de recordações em que o institucional se confunde com o pessoal até tal ponto que torna-se impossível deslindá-los” (VIÑAO, 2004, p. 352-353).

O primeiro momento da sondagem sobre o arquivo escolar da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira comportou, dessa forma, o contato com uma obra de cunho memorialístico sobre a escola. No campo empírico da pesquisa, embora o desejo inicial fosse começar pelo arquivo escolar, tal situação possibilitou compreender que já havia certa memória institucional sobre a escola e que a instituição a reconhecia como tal. Para chegar ao arquivo, era preciso compreender aquilo que a escola comunicava sobre seu passado. Para isso, foi preciso confrontar a obra com uma bibliografia de caráter teórico-metodológico. Assim, compreendemos um primeiro preceito através de nossa prática de sondagem: qualquer que seja o caminho tomado por uma investigação, esta deverá considerar todas as variáveis que se dão em situações de campo, ainda que seja possível não trabalhar com algumas delas. Mesmo quando utilizamos os escritos de Müller para situar a lista de diretores ou as datas de acontecimentos relevantes, percebemos que esses “dados” não são neutros e necessitam ser avaliados com cuidado conforme os interesses da investigação e a própria natureza dessa tipologia de fonte documental.

## A SONDAAGEM DO ARQUIVO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O segundo momento da sondagem caracterizou-se pela realização da visita ao arquivo escolar denominado como “arquivo morto”. Observamos que as potencialidades de realização de investigações de caráter historiográfico neste arquivo pareciam ser desconhecidas pelos/as funcionários/as da escola, ao mesmo tempo em que a “história oficial” lhes parecia já ter sido “contada” pela “obra” de Ivo José Müller.

Bonatto (2005, p. 206) afirma que a expressão “arquivo morto”, utilizada pelos/as funcionários/as ao se referirem ao local, trata-se de uma “velha e incorreta denominação para a documentação de caráter permanente”, que

estaria, então, associada à “existência de uma documentação sem utilidade e descartável”. “Arquivo morto” é a uma concepção limitada e excludente, burocrática e empresarial, pois não considera a importância dos documentos e dos arquivos no que diz respeito ao patrimônio documental e cultural, à memória e à história. Pode-se dizer que a concepção de “arquivo morto” está, ao menos em parte, na base das políticas institucionais que não demandam o devido cuidado com a salvaguarda e manutenção desses documentos para pesquisa de historiadores/as e demais interessados/as.

As propostas de investigação histórico-educacional – do ponto de vista específico da história das instituições escolares – defrontam-se, via de regra, com problemas que dizem respeito tanto à manutenção e armazenamento de documentos, desafio a ser ainda enfrentado pelas instituições e órgãos públicos; quanto, do aspecto teórico-metodológico, em relação ao tratamento dos documentos arquivados como fontes de pesquisa, ou seja, a adequada articulação dos variados tipos de fonte de modo que não se perca de vista os significados do fenômeno estudado. Essa situação não foi diferente ao longo de nosso percurso, trilhado nas visitas ao arquivo da Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira. Deparamo-nos com questões atinentes à preservação e manutenção dos documentos do arquivo da escola e às possibilidades de sua utilização para pesquisas no campo da história da educação. Não distante do que outros/as pesquisadores/as têm procurado demonstrar em relação à preservação das fontes de documentação escolar, também se aponta para a necessidade de que haja investimento na instituição visitada.

O segundo preceito, então, é a necessidade de pensar esses documentos tendo em vista um contexto mais amplo, ou seja: documentos que representam a memória histórico-educacional do Brasil em geral e do estado do Rio Grande do Sul e da região do Vale do Rio Pardo em particular. Daí os apontamentos que seguem em relação às condições encontradas no arquivo visitado, que impõem significativos desafios às escolas, aos/as educadores/as, aos/as historiadores/as, aos setores técnicos e ao poder público.

No arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, que se encontra atualmente em uma pequena sala nos fundos de seu prédio principal, existem dois armários, um com livros-ponto de professores/as e outro com a efetividade dos/as funcionários/as. Também fazem parte do espaço quatro estantes de metal com caixas do chamado “arquivo morto”, onde estão guardados os diários de classe, identificados por etiquetas com o ano e a série

correspondente. Ainda na mesma sala, há cinco armários de gaveta, ambos de metal, que armazenam as fichas de cadastro de antigos/as alunos/as. Em que pese parte da documentação estar “organizada”, existe outra parte que não possui qualquer tipo de catalogação.

**Imagem 1** - Aspecto geral do Arquivo em relação às condições de armazenamento



Fonte: Acervo da/os autora/es (2019)

Mesmo considerando que os documentos estão relativamente organizados, dentro de caixas, etiquetados, divididos por tipo ou mesmo por ano, não se pode afirmar que estão adequadamente ou suficientemente protegidos. Assim como em outras escolas do país, na Escola Estadual Ernesto Alves de Oliveira, as janelas da sala onde atualmente se encontra o arquivo não possuem persiana, então, os documentos permanecem expostos à luz solar sem nenhum tipo de filtro. Além disso, não há outro tipo de ventilação além da única janela quase sempre mantida fechada, embora um dos vidros esteja quebrado, o que permite a entrada de água em dias de chuva, ocasionando umidade, além de insetos e roedores. Sobre isso, mostra-se interessante a forma pela qual Ribeiro (1992), ao tratar do problema da preservação e da salvaguarda de documentos nos arquivos escolares, alerta em relação aos cuidados técnicos necessários: “[...] insetos, roedores e micro-organismos também se ‘interessam’ por estes arquivos, frequentando-os muito” (RIBEIRO, 1992, p. 55 apud BONATO, 2005, p. 209).

A falta de interesse pela preservação dos arquivos escolares e a compreensão de seus potenciais usos de pesquisa são uma preocupação constante de pesquisadores/as da área. Para Hilsdorf e Vidal (2004, p. 179), a inexistência de políticas institucionais de organização e preservação de fontes documentais tem sido responsável “por uma das maiores dificuldades” dos/as pesquisadores/as brasileiros/as em História da Educação, especialmente quando se considera o permanente processo de diversificação dos tipos de fontes documentais “solicitadas por novas linhas de investigação que são desenvolvidas nesse campo”. É muito difícil que uma escola tenha como uma prioridade a salvaguarda de seus registros documentais. Soma-se a isso o baixo investimento do poder público em educação de uma forma geral, dificultando ainda mais que as escolas, afinal, preservem adequadamente essa documentação.

### **Imagem 2** - Aspecto geral do Arquivo em relação à organização



Fonte: Acervo da/os Autora/es (2019)

Registra-se, no entanto, a relativa organização dos documentos, ainda que não de modo tecnicamente adequado para sua preservação. Há uma pequena mesa e uma cadeira que podem ser utilizadas pelo/a pesquisador/a para consultar os documentos, ainda que com pouco espaço de mobilidade, em função do tamanho da sala. Os/as funcionários/as da escola, quando da solicitação do acesso, não mediram esforços para realizar o atendimento, ainda que o acervo e o acesso não estivessem em condições técnicas adequadas. Uma das secretárias

da escola se identificou como a responsável pelo arquivo, embora essa não seja sua função exclusiva. São dados muito significativos, importantes e que merecem destaque. A documentação ali contida, ainda que não esteja nas condições técnicas ideais, merece, sem dúvida, maior atenção dos/as pesquisadores/as do campo historiográfico. Como já colocado anteriormente, vale lembrar a inexistência de trabalhos de caráter histórico-educacional sobre essa instituição escolar, primeira escola pública do município de Santa Cruz do Sul e uma das maiores da região do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul. O que remete para a necessidade de se visitar este arquivo escolar e de sugerir ao poder público meios para sua salvaguarda e preservação.

Existe uma grande quantidade de documentos no arquivo da Escola Ernesto Alves de Oliveira. Ainda que parte dessa documentação estivesse catalogada, como colocado anteriormente, boa parte dela permanece sem nenhum tipo de catalogação, ainda que esteja organizada em caixas de papelão ou envelopes, fator que demonstra a necessidade de que se faça a catalogação completa desse acervo. Não foi objetivo do percurso inicial de sondagem do arquivo fazer a sua catalogação completa. Contudo, deve-se dizer que a significativa relevância do acervo mereceria essa atenção mais demorada, ou seja, um “levantamento de toda a documentação existente” (MOGARRO, 2005, p. 81). Ainda que isso não tenha sido feito ao longo das oito visitas de sondagem realizadas durante o ano de 2019, com o auxílio gentil e solícito de uma secretária da escola, que é a responsável pelo arquivo, foi possível elaborar uma lista preliminar de parte do acervo e, posteriormente, um quadro de potencialidades.

A construção do quadro de potencialidades foi realizada tendo como referência, principalmente, as considerações de Mogarro (2005) acerca dos aspectos que podem ser trabalhados por pesquisadores/as em História da Educação em relação aos arquivos escolares. O arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, embora não esteja totalmente catalogado, contém, pelo menos, os seguintes documentos: a) livros de cadastro de professores; b) fichas de cadastro e matrículas de alunos/as; c) convocatórias; d) livro-ponto dos/as professores/as; e) atas de reuniões docente; f) diários de classe; g) recortes de jornais e revistas sobre a instituição; h) fotografias. Ao tratar toda essa documentação em sua potencialidade, um terceiro preceito emergiu da sondagem de nosso arquivo escolar: para sondar é preciso ter clareza sobre o conceito de fonte que guia o/a pesquisador/a em seu processo de pesquisa.

O conceito de fonte precisa ser analisado em um determinado contexto, podendo assumir diversos significados no campo da historiografia educacional. Conforme Saviani (2004, p. 4-5), a fonte pode, por um lado, ser considerada o ponto de partida, por onde se procede algo planejado e por onde este planejamento se desenvolve; por outro lado, pode indicar a base, o ponto de apoio, o local em que se encontram, afinal, os elementos que permitem a possibilidade de explicação de um fenômeno. Denominam-se de fontes os documentos utilizados pelo/a historiador/a para produzir conhecimento histórico, ou seja, os documentos, em si, não foram produzidos para se tornarem fontes, mas o são, quando utilizadas pelo/a pesquisador/a para escrever história. As fontes não devem ser entendidas como “naturais”, mas sim, históricas, já que correspondem à produção humana. Tratam-se do ponto de origem que o/a historiador/a dispõe para produzir conhecimento histórico, isto é, “enquanto produções humanas podem expressar interesses pessoais, muito mais do que a realidade concreta e, nesse caso, o pesquisador corre o risco de tomar uma realidade desejada como algo realizado” (FURTADO, 2011, p. 157). É, portanto, por meio de seu trabalho de pesquisa, da reflexão sobre seus métodos, suas questões e seus objetivos, que o/a historiador/a da educação, poderá conferir significado aos documentos de um arquivo escolar. Ao elaborar o quadro de potencialidades (Quadro 1), ainda que de maneira inicial, como uma sondagem do arquivo escolar visitado, não se está, ao menos ainda não, pensando em um objeto de estudo específico, tampouco encarnando uma visão teórico-metodológica única e inequívoca em relação a essa documentação. Ao contrário, a reflexão inicial sobre as potencialidades deste arquivo escolar ancora-se nos pressupostos comuns às pesquisas em História da Educação e da imposição, cada vez maior, da constituição de inventários e catálogos de fontes de arquivos escolares disponibilizadas aos/às pesquisadores/as.

A par do contexto recente, das últimas duas décadas, de diversificação e aumento dos tipos e quantidade de fontes em História da Educação, é possível visualizar o contexto de transformações nesse campo de estudos. As orientações do quadro de potencialidades, a partir das considerações de Mogarro (2005), denotam algumas dessas transformações. Segundo Viñao (2004), sem se abandonar os enfoques “sociais” dos anos 1970 e 1980, vem-se prestando “maior atenção, nos últimos anos, à história do currículo, não já mais prescrito, mas vivido, à história da realidade e práticas escolares, do cotidiano, das culturas escolares, das reformas educativas e sua aplicação prática...” (VIÑAO, 2004, p. 335). No Brasil, ainda que se diferenciem as periodizações, a história da História

da Educação também aparece dividida em, pelo menos, duas perspectivas distintas, muito semelhantes às considerações defendidas por Viñao (2004).

**Quadro 1 - Quadro preliminar de potencialidades Arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira**

DOCUMENTOS	POTENCIALIDADES
Livros de cadastro de professores/as	Caracterização, desenvolvimento e trajetória do corpo docente da instituição escolar. Origem geográfica, formação acadêmica e profissional e anos de ligação à instituição.
Fichas de cadastro e matrícula de alunos/as	Definição do perfil dos/as alunos/as que frequentaram a escola. Origem geográfica, idade de ingresso e idade de saída da instituição.
Convocatórias	Conhecimento sobre o trabalho docente, relações entre os/as professores/as.
Livro-ponto de professores/as	Caracterização do trabalho de gestão e organização pedagógica da instituição.
Atas de reuniões	Tensões/debates entre professores/as: debates, conflitos, tomadas de posição individuais. Estratégias de coordenação. Formas de abordagem dos problemas disciplinares de alunos/as. Orientações internas da vida da escola.
Diários de classe	Sistematização das disciplinas escolares e das relações pedagógicas.
Recortes de jornais e revistas sobre a instituição	Compreensão da imagem que a instituição construiu ou buscou construir junto à comunidade escolar.
Fotografias	Percepção dos símbolos/significados das imagens e dos ambientes retratados, das pessoas e dos objetos.

Fonte: Elaboração da/os autora/es, 2019

Foi sob o impacto de novas proposições, métodos e concepções sobre a prática historiográfica que uma nova historiografia da educação teve início no país a partir de meados da década de 1980-1990. Essa nova historiografia se

contrapunha à produção característica dos anos 1950-1970. Tendo em vista os referenciais teóricos de extração marxista, “que dominavam a produção acadêmica no período” entre 1950-1970, Carvalho (2004, p. 375) aponta que a maioria dos trabalhos de pesquisa tratavam da “organização dos sistemas de ensino” e da “legislação do ensino”. Mais recentemente, no entanto, com o desenvolvimento e a consolidação dos programas de pós-graduação no país, temáticas mais diversas, ligadas a livros didáticos, cultura escolar, práticas educativas, currículo, instituições escolares, dentre outras, passaram a ser privilegiadas. Como consequência das novas proposições, voltaram-se novamente “os olhares aos arquivos escolares” na busca de “registros documentais” que permitissem “a reconstituição da cultura material escolar das instituições educativas” (GONÇALVES, 2008, p. 74). Assim, as fontes de pesquisa, associadas à história das instituições escolares, ganharam novo tratamento, expressando sujeitos, grupos sociais específicos e seus contextos. A visão essencialista e normativa foi, pouco a pouco, sendo substituída, dando lugar à compreensão dos significados das práticas escolares em seus contextos de surgimento e produção. Tendo como referência os registros existentes na escola, as pesquisas desenvolvidas a partir do campo de estudos da História da Educação “têm problematizado, por exemplo, o lugar da escrita na e sobre a escola e que se referem às suas práticas e representações produzidas pelos diferentes sujeitos que compõem o universo escolar (LEITE, 2008, p. 1986). Isso quer dizer que a compreensão das relações entre normas e práticas é entendida a partir de suas variações no tempo, conforme cada contexto de produção. Segundo Nosella e Buffa (2006, p. 4), o conceito de “cultura escolar” passou a contemplar categorias como: *contexto histórico, processo evolutivo; o edifício escolar; os alunos; os professores e administradores; os saberes; as normas disciplinares; os eventos*, dentre outras. Ou seja, percebendo que os estudos sobre educação e sociedade, a partir de um extrato marxista e monolítico não conseguiam mais abarcar os diversos temas de investigação, passou-se a utilizar uma proposta de estudos mais plural e que fosse capaz de investigar objetos singulares.

Foi a partir do conceito de “cultura escolar” que os arquivos escolares ganharam novo destaque para as pesquisas em História da Educação. Passou-se, gradualmente, a considerar não apenas aspectos normativos e legislativos “que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”, mas também “um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 1995, p. 10). O conceito de “cultura escolar” promoveu mudanças de perspectivas muito significativas nos estudos de História da Educação, sobretudo a de que os diferentes contextos

históricos e as relações estabelecidas entre professores/as, estudantes e demais envolvidos/as no processo educativo escolar influenciaram as formas pelas quais as normas foram interpretadas e vividas no cotidiano. Os arquivos escolares, neste sentido, emergem como temática recorrente no campo da História da Educação, tendo em vista a multiplicidade de abordagens e perspectivas de compreensão que podem ser consideradas. Aparecem relatos de experiências de organização de acervos escolares, narrativas sobre as potencialidades da documentação escolar para a percepção da cultura escolar

pretérita (e presente), publicação de inventários e guias de arquivo, elaboração de manuais e reprodução de documentos (digitados ou digitalizados), vêm mobilizando investigadores da área, renovando as práticas de pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico (VIDAL, 2005, p. 71).

Os arquivos escolares são entendidos, conforme Furtado (2011, p. 150), como uma espécie de “amostra” daquilo que acontece/u “no contexto educacional de um determinado país”. Um *locus* privilegiado para a compreensão dos processos educativos no âmbito escolar.

Ao construir um quadro de potencialidades, ainda que não completo em virtude de que nem toda documentação do arquivo foi catalogada, buscou-se chamar atenção para a importância do acervo arquivístico da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira. Embora formado, essencialmente, em função das atividades administrativas, a partir da leitura atenta desse acervo documental, é possível reconhecê-lo como um conjunto de fontes de pesquisa histórico-educacional. Importantes, portanto, não só para a compreensão da história das instituições educativas como também das “práticas pedagógicas formais e informais”, através de um olhar dirigido ao “cotidiano da sala de aula” para além dos “documentos de secretaria” (BONATO, 2005, p. 200). Além disso, se, como coloca Nóvoa (2005), um dos papéis da História da Educação é o de interpelar constantemente o presente a partir dos estudos dirigidos ao passado, as investigações acerca da cultura escolar, das relações entre normas e práticas no cotidiano escolar por meio da documentação presente nos arquivos escolares, poderia, inclusive, subsidiar o aprofundamento das reflexões sobre as políticas públicas educacionais que orientam a educação escolar na atualidade.

Assim, nossa sondagem, ao chamar a atenção para o arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira, destaca um quarto preceito e que, assim como os anteriores, talvez possam ser úteis para pesquisadores

iniciantes no campo da história da educação: é necessário continuar considerando os arquivos escolares não só porque se deve ampliar os estudos referentes à História da Educação no que diz respeito às instituições escolares, mas, também, porque preservar esses documentos pode garantir, em tempos de mudanças de rumos na gestão dos assuntos educacionais e de seu debate público e político, reflexões ainda mais consistentes sobre o caráter das políticas públicas educacionais da atualidade e seus efeitos para a escola e a cultura escolar.

## CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos apontamentos e ponderações que possam servir de mote para reflexões sobre a importância dos arquivos escolares para a pesquisa em história da educação. Sem almejar abranger todas as possibilidades que o tema possibilita, defendemos a relevância do desenvolvimento daquilo que aqui chamamos de sondagem de arquivos escolares. Ao longo do percurso da sondagem que por ora desenvolvemos fomos identificando alguns preceitos-chave e que foram apresentados ao longo do texto. Como vimos, ela se deu em dois momentos complementares. O primeiro, referente ao início de contatos com a Escola Ernesto Alves de Oliveira, tomamos conhecimento da obra de autoria de Ivo José Müller intitulada *1965-2006, 50 anos, Pequeno Histórico da fundação e do crescimento do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira: Seu Ontem, Seu Hoje, Seu Amanhã*, surgida em 2006. O segundo, ocorreu em um processo de visitas ao acervo daquilo que, equivocadamente, ainda vem sendo chamado de “arquivo morto”, a fim de inventariar as potencialidades de seu acervo. Buscamos, ao longo do artigo, demonstrar como procuramos nos cercar dos cuidados teórico-metodológicos necessários ao adequado trabalho com esta significativa fonte de pesquisa, considerando, inclusive, a inexistência de trabalhos que tenham se dedicado ao estudo desta instituição escolar ou de arquivos escolares no município de Santa Cruz do Sul. Três pontos foram tratados: a questão do suporte e sua conformação física, as relações entre história e memória, e as potencialidades das fontes em relação às pesquisas sobre cultura e cotidiano escolar, bem como sobre políticas e práticas educacionais.

Destacamos ao longo do texto quatro preceitos que poderiam ser tomados como mote para reflexão inicial sobre as pesquisas com os arquivos escolares, sobretudo aquelas que, como a que originou o presente texto, buscam realizar uma sondagem e os primeiros contatos com os acervos que os

constituem. O primeiro preceito sugere que qualquer que seja o caminho tomado por uma investigação, esta deverá considerar todas as variáveis que se dão nas situações de campo, ficando atenta àquilo que os sujeitos e às instituições querem comunicar ou reconhecem sobre sua própria história. Dito de outra forma, equivale à postura de estar sensível às narrativas da memória institucional. Em nosso caso de estudo, exigiu-nos considerar uma fonte de caráter memorialístico escrita por um ex-diretor da escola. O segundo preceito destacado foi a necessidade de pensar os acervos dos arquivos escolares tendo em vista seu contexto de produção e o quanto também representam a memória histórico-educacional do Brasil, do estado ou da região particular. O terceiro preceito baseou-se na argumentação de que, para “sondar” arquivos escolares é preciso ter clareza sobre o conceito de fonte que estará guiando o/a pesquisador/a em seu percurso. Por fim, defendemos que a salvaguarda e utilização dos arquivos escolares ainda têm muito a contribuir com a História da Educação no que diz respeito à história das instituições e das culturas escolares, bem como com relação aos assuntos educacionais que irrompem no presente, exigindo-nos, cada vez mais, um debate público e político qualificado. Ponderamos ainda que a constituição de “inventários” de fontes, no que se refere aos arquivos escolares, não é tarefa fácil e exigirá, variavelmente, o diálogo interdisciplinar com saberes de outros campos, como os da Arquivística e da informática.

Apesar de condições pouco adequadas de armazenamento e ausência de cuidados técnicos, registramos que a organização parcial dos documentos do arquivo, mesmo que não em condições técnicas, é louvável. O auxílio dos/as funcionários/as foi igualmente importante para o trabalho inicial de inventário das potencialidades do arquivo escolar da Escola Ernesto Alves de Oliveira.

Por fim, é importante salientar o quanto é urgente, no país, oferecer as condições materiais para a guarda e preservação de documentos no sentido de possibilitar aos/às pesquisadores/as em História da Educação, a elaboração de inventários, guias, catálogos e quadros de potencialidades, auxiliando-os/as nas suas próprias pesquisas e de outros/as. A salvaguarda e preservação dos documentos de arquivos escolares, configura-se, ainda, desafio a ser enfrentado, sobretudo em função da precariedade de armazenamento dessas fontes. É preocupante, pois, na medida em que se multiplicam os tipos de fontes utilizadas pelos/as historiadores/as da educação e aumentam as possibilidades de surgimento de novas temáticas, abordagens e objetos de estudo, a ausência de políticas de preservação de documentação escolar vai se tornando um desafio cada vez maior. A construção de inventários, guias, catálogos de fontes e quadros

de potencialidades é imprescindível não somente para facilitar as pesquisas, mas também para chamar atenção da sociedade civil em relação à existência desta rica documentação e sua função social.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BOLÍVAR, Antonio. Trayectorias epistemológicas y prácticas de la investigación (auto)biográfica em educación em Brasil y España. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **La investigación (auto)biográfica em educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada/Porto Alegre: EUG/Editora da PUC-RS, 2014, p. 8-29.

BASTOS, Maria Helena Câmara; BILHÃO, Isabel; SILVEIRA, Éder da Silva. Quando a recordação é referência: reflexões e experiências de uma professora/pesquisadora no campo da história da educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, p. 247-259, out. 2019. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/14098>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

BONATO, Náilda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fonte da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 193-220, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38652>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COMPÈRE, Marie-Madaleine. **L'histoire de l'éducation em Europe**. Essai comparatif sur la façon dont ell s'écrit. Paris: INPR/Peter Lang, 1995.

COUTINHO, Eduardo G.; GONÇALVES, Márcio S. (Orgs.). **Letra Impressa: Comunicação, Cultura e Sociedade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FURTADO, Alessandra Cristina. Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: revista**

de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto/SP, v. 2, n. 2, p. 145-159, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42357>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. O arquivo histórico escolar, a Universidade e a Escola: diálogos possíveis. **Cadernos de Educação** - FaE/PPGE/UFPel - Pelotas/RS [31], p. 71-84, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1741/1621>. Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo; VIDAL, Diana Gonçalves. O Centro de Memória da Educação (USP): acervo documental e pesquisas em História da Educação. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas/SP: Mercado Aberto, 2004, p. 179-186.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Trad. Gizele de Souza. **Revista brasileira de história da educação**, São Paulo, n.1, p.9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhc/article/view/38749> Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

LEITE, Lilian Ianke. Arquivo morto ou histórico-educacional: qual o lugar da memória da/na escola?. **VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE**. p.1977-1989, 2008. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/114\\_55.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/114_55.pdf). Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

MOGARRO, Maria João. Arquivo e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.10, p. 75-99, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9875/1/Arquivos%20e%20educacao.pdf> Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico. **II Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares - Anais**. UNICAMP/ Campinas/UNINOVE, São Carlos. 2006. Disponível em: [http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/as\\_pesquisas\\_sobre\\_instituies\\_escolares-balanco\\_critico.pdf](http://gephishnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/as_pesquisas_sobre_instituies_escolares-balanco_critico.pdf) Acesso em: 27 de janeiro de 2020.



NÓVOA, António. **Evidentemente**: histórias da educação. Porto: Asa, 2005.

RIBEIRO, Marcus Vinícius Toledo. Os arquivos nas escolas. In: NUNES, Clarice. (Coord.). **Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Inep, 1992, p. 47-64.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art5_22e.pdf) Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

SILVEIRA, Éder da Silva; OLIVEIRA, Amanda Assis. Narrativas, memórias e experiência na história de uma educação clandestina. In: SILVA, Éder da Silva; MORETTI, Cheron Zanini; PEREIRA, Marcos Villela. (Orgs.). **Educação Clandestina**. Vol. I: Educação e Clandestinidade. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2019, p. 151-174.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. História, Memória e História da Educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. III: Século XX. 4.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011, p. 416-135.

VIDAL, Diana Gonçalves. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/single.php?id=001589662> Acesso em: 27 de janeiro de 2020.

VIÑAO, António. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria Cristina. (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2004, p. 333-374.

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

### Obra memorialística



MÜLLER, Ivo José. 1965-2006, 50 anos, Pequeno Histórico da fundação e do crescimento do Colégio Estadual Ernesto Alves de Oliveira: Seu Ontem, Seu Hoje, Seu Amanhã. Santa Cruz do Sul: [sem editoração], 2006.

**Arquivo escolar**

**Arquivo da Escola Estadual de Ensino Médio Ernesto Alves de Oliveira.** Santa Cruz do Sul/RS/Brasil.

*Recebido em 31 de janeiro de 2020*

*Aprovado em 28 de agosto de 2020*